

Tales Faria

Um jabuti ronda a derrubada do foro

O líder do PSD na Câmara, Antônio Brito (BA), contou à coluna que realmente declarou, na reunião de líderes da terça-feira, 12, que é favorável à votação do projeto de derrubada do foro privilegiado.

Por causa desta declaração, afirma Brito, é que o líder do PL, Sóstenes Cavalcante (RJ), tem dito que já conta com apoio suficiente para colocar o texto em votação no plenário.

Mas Antônio Brito conta que fez uma ressalva: “Sou a favor da mudança no foro privilegiado, mas não sou a favor de votar agora a questão das prerrogativas.

Prerrogativas?

Exato. O líder explica que o texto inicial para a discussão do foro privilegiado nasceu com o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 333 de 2017, de autoria do então senador Alvaro Dias.

O texto previa que apenas cinco autoridades teriam direito ao processo iniciado no Supremo Tribunal Federal (STF): Presidente e vice-presidente da República e os presidentes da Câmara, do Senado e do STF.

O problema é que, no bojo deste projeto, ganhou força no Congresso a ideia de se votar uma proposta de blindagem ampla dos políticos acusados de cometimento de

crimes, inclusive crimes comuns.

É esse jabuti que está-se tentando colocar em meio à votação da derrubada do foro privilegiado: trata-se da chamada “prerrogativa de foro”. A ideia é que qualquer inquérito ou processo contra deputados e senadores só poderá ser aberto se autorizado pelo plenário da Câmara ou do Senado.

Há até parlamentares defendendo que buscas e apreensões requeridas pela Justiça contra parlamentares só possam ocorrer depois de consultado o Legislativo. Ou seja, depois de avisar ao Congresso que se vai fazer a tal busca.

O texto das prerrogativas tanto poderia entrar em votação na forma de um outro projeto, como na forma de uma emenda inserida no projeto original.

Esse tipo de emenda é que no Congresso costuma ser chamada de jabuti. É colocada de maneira sorrateira e só descoberta depois de aprovada, sem que se saiba bem de quem foi a ideia. Como naquele ditado: “Jabuti sobre a árvore? Ou foi enchente, ou foi mão de gente.”

O próprio presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), deu a entender, em entrevista nesta quinta-feira na Globo News, que tem simpatia pela proposta.

“Hoje tem, sim, um ambiente de discussão acerca dessas prerrogativas pelos exageros que a Câmara, os parlamentares, entendem que têm, infelizmente, acontecido. [...] Realmente, internamente, há muito incômodo com decisões que foram tomadas recentemente”, afirmou, acrescentando que o STF “acaba decidindo sobre quase tudo no país”.

Antônio Brito afirma ter argumentado, na reunião de líderes, que não podia decidir sobre a votação das prerrogativas para parlamentares porque nem sequer foi apresentado aos líderes um texto sobre o assunto. “Pedi que deixássemos para a próxima reunião”.

O caso é que essa ideia de votar logo as prerrogativas dos parlamentares, junto com o foro privilegiado, já está correndo solta no Congresso.

Sóstenes Cavalcante diz que sua aprovação é importante para que ocorra a votação do impeachment do ministro Alexandre de Moraes.

“Tem gente que só não vota o impeachment porque tem medo de retaliação do STF. Se aprovarmos as prerrogativas dos parlamentares, o medo acaba.”

Dá para concluir, então, qual foi a “mão de gente” que colocou esse jabuti sobre os galhos dessa árvore no Congresso.

EDITORIAL

Palco a céu aberto

A Esplanada dos Ministérios, em Brasília, é mais do que um conjunto arquitetônico imponente, ela representa o coração pulsante da democracia brasileira. Ali, entre os edifícios dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, desfilam não apenas autoridades, mas também as vozes e os anseios do povo. Nos últimos anos, no entanto, esse espaço tem sido palco de crescentes tensões políticas e sociais que desafiam o equilíbrio institucional do país.

Os recentes eventos na Esplanada, manifestações, confrontos entre grupos antagônicos, e até atos de vandalismo, escancaram uma nação profundamente polarizada. De um lado, há cidadãos que, exercendo seu legítimo direito de protestar, buscam ser ouvidos em meio ao ruído da crise econômica, do desemprego e da insegurança. De outro, surgem movimentos que, por vezes, ultrapassam os limites da convivência democrática, colocando em xeque as instituições e os valores republicanos.

O desafio atual não está apenas na mediação entre protesto e ordem, mas em garantir que a Esplanada continue sendo espaço de expressão livre e pacífica, sem se tornar palco de radicalismos. A presença reforçada das forças de segurança, o bloqueio de vias e a montagem de estruturas para impedir confrontos viraram rotina. Mas a verdadeira proteção da democracia não está nas barreiras físicas, e sim no respeito mútuo e na escuta ativa.

O Brasil precisa resgatar o valor do diálogo. A Esplanada dos Ministérios não pode ser vista como território de disputa violenta, mas como símbolo da pluralidade que define nossa sociedade. Que os próximos atos que ali se realizem não ecoem gritos de intolerância, mas a esperança de um país que busca, com coragem e equilíbrio, superar seus conflitos e construir consensos. O futuro da democracia brasileira também se desenha no chão da Esplanada. Que ele seja firme, mas jamais rachado pelo ódio.

Fernando Molica

Trump é que atua movido por ideologia, Tarcísio

Ao cassar o visto de brasileiros que dirigiram o programa Mais Médicos, o presidente Donald Trump reafirmou sua truculência e tirou de governadores de direita o argumento de que o presidente Lula (PT) deixa que a ideologia determine sua posição em relação aos Estados Unidos.

O gesto do ocupante da Casa Branca está oficialmente relacionado ao fato de o programa contar com um bom número de médicos cubanos, país socialista que há décadas sofre um bloqueio por parte dos EUA. Ou seja, é Trump, e não Lula, que utiliza questões ideológicas ao tratar do caso que afeta a economia brasileira.

Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos) é um dos que mais têm insistido na versão de que o Palácio do Planalto prioriza questões ideológicas e não econômicas e técnicas para tratar do tarifaço: isso impediria até mesmo que ele, Lula, tomasse a iniciativa de telefonar para Trump para negociar.

O problema é que as sucessivas atitudes do presidente norte-americano indicam que, apesar do sinal verde que concedeu para uma eventual ligação do colega brasileiro, há mesmo o risco de ocorrer o que Lula previu, e Trump não aceitar conversar.

Não dá para classificar de econômica ou técnica a decisão do secretário do Tesouro

dos EUA, Scott Bessent, de cancelar a reunião com o ministro da Fazenda brasileiro, Fernando Haddad.

A própria insistência do governo dos norte-americanos de condicionar o fim das punições ao encerramento do processo contra Jair Bolsonaro demonstra o quanto eles levam em conta a questão ideológica. Não haveria tamanho esforço e tanta chantagem caso o ex-presidente não fosse, assim como Trump, um líder de extrema direita.

Em sua primeira passagem pela Casa Branca (2017-2021), ele não fez qualquer esforço para tentar libertar Lula, que foi preso em 2018 e saiu da cadeia no ano seguinte. O então ex-presidente havia sido condenado num processo que, como tardiamente reconheceu o Supremo Tribunal Federal, era cheio de falhas e de pedaladas jurídicas.

Naquela época, governantes e políticos de esquerda de outros países deram declarações favoráveis a Lula, mas nenhum deles tentou intervir na Justiça brasileira, acenou com punições comerciais ou institucionais caso o petista fosse condenado e preso.

Político, Tarcísio sabe que, no fim das contas, tudo, por bem ou por mal, passa pela política. A própria guerra — guerra mesmo, com tiros e explosões — é uma forma radical de se fazer política. Ao pres-

ionar o Brasil, Trump apenas retoma uma tradição intervencionista típica dos EUA, especialmente nas Américas.

A diferença é que ele, diferentemente de muitos de seus antecessores que ajudaram a derrubar tantos chefes de governo pelo mundo, não disfarça, joga às claras. Acha que tem o direito de definir os rumos de países, de mandar no Supremo Tribunal Federal. Uma forma mesquinha e agressiva de fazer política, que se vale apenas do poder dos EUA.

Um jeito também que honra a tradição de hipocrisia norte-americana, que sempre dividiu ditaduras entre as amigas e as inimigas, e que manteve negócios com todas (Cuba é uma exceção, mesmo assim, voos entre os dois países continuam a ser operados por companhias dos EUA como a American Airlines — ontem, oito voos vindos de Havana pousaram em Miami).

Sim, existe uma questão ideológica por trás disso tudo, uma associação entre a família Bolsonaro — especialmente, Jair e Eduardo — e governo Trump. Uma parceria público-privada entre forças de extrema direita que conspiram e atuam contra o Brasil e suas instituições. Nesse caso, governador Tarcísio, a bomba ideológica tem que ser desarmada por quem a montou.

Aristóteles Drummond

Ordem e bom senso no transporte

Palestra do executivo José Gustavo de Souza Costa, com larga experiência no setor de transportes, na Confederação Nacional do Comércio, traçou um quadro realista dos transportes urbanos no Brasil, a partir do conhecimento da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Dirigente por muitos anos do Metrô do Rio e dos trens, ele pôde constatar como a falta de entendimento entre entes públicos prejudica soluções naturais que poderiam, a baixo custo, melhorar a mobilidade da população e racionalizar o consumo de combustíveis poluentes. A integração correta dos cartões de uso dos trabalhadores seria desejável para se obter também razoável economia aos cofres públicos.

Os trens suburbanos do Rio dão um exem-

plo do retrocesso por fatores que dependem exclusivamente do poder público. Não se pode aceitar que o modal, que já chegou perto de um milhão de passageiros por dia, esteja hoje com menos de um terço. Assim como a duração das viagens. Esta situação, em parte, deve ter sido agravada pela falta de segurança aos passageiros pela presença inconveniente de pessoas, pela qualidade da própria via e pelo roubo frequente de cabos. Problemas alheios à operadora do sistema por serem casos policiais.

A integração do metrô com os ônibus parece ter sido prejudicada pelas esferas diferentes de poder, sendo o transporte via trilhos estadual e o rodoviário no Rio municipal. Assim, Souza deu como exemplo o caso da ligação da

Urca a outros bairros da Zona Sul, que é feita por ônibus, quando poderia ter uma conexão com o metrô, com o mesmo custo.

O uso de barcos na ligação com Niterói também tem registrado número inferior de passageiros, sobrecarregando a Ponte Presidente Costa e Silva desnecessariamente. E sem falar na extensão da ligação para as cidades no fundo da baía como Mauá, usada pelo Imperador Pedro II nos seus deslocamentos a Petrópolis, e São Gonçalo, a menos de um quilômetro de Paqueta.

A importância de todos no uso racional dos modais é prioridade que atende à economia, ao social e à qualidade de vida da população menos favorecida e mais sofrida.

Opinião do leitor

Carta de Ibaneis

Se a vigorosa carta do governador Ibaneis Rocha ao presidente dos Estados Unidos defendendo Brasília, e salientando ser político de Direita e adversário de Lula for bem acolhida por Trump, é forte indício que estará nascendo valioso canal de negociações entre Brasil e a Casa Branca.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EPITÁCIO PESSOA ABANDONA HAIA POR DOENÇA

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de agosto de 1930 foram: Foi imponente a cerimônia de trasladação do corpo de

João Pessoa para o cemitério São João Batista; colossal massa popular tomou conta do cortejo até Botoafogo. Olavo Herrera toma posse como

o novo presidente da Colômbia. Epitácio Pessoa abandona, por enfermidade, os trabalhos na Confederação de Haia.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES FAZ JORNADA NO INTERIOR DE MINAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 11 de agosto de 1950 foram: Reunião extraordinária da UDN confirma a chapa Eduar-

do Gomes para presidente e Odilon Braga para vice-presidente. Brigadeiro inicia jornada pelo interior de Minas Gerais. Violentos combates são

registrados em Pohang, na Coreia do Sul. Quatro generais brasileiros são condecorados nos Estados Unidos.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
WhatsApp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.